

# A esperança vence o medo: paixões semióticas em discursos presidenciais

(Hope wins the fear: semiotic passions in the presidential discourses)

**Adriane Belluci Belório de Castro**

Universidade do Sagrado Coração (USC), Faculdade de Tecnologia de Botucatu (Fatec)

acastro@fatecbt.edu.br

**Abstract:** In this paper we intend to compare the manifestation of the passions hope and fear in the discursive construction of inaugural addresses of two republic presidents: Luiz Inácio Lula da Silva (Brazil, 2003) and Barack Hussein Obama (USA, 2009). For that propose, we use some theoretical assumptions of the French Semiotics to analyze discourses, and we also use some classic principles of the philosophic study on the passions. Thus, we observe some thematic similarities related to the passions, discursively constructed from the comparative analysis between two presidential pronouncements.

**Keywords:** political discourses; passion; Semiotics; Luiz Inácio Lula da Silva; Barack Hussein Obama.

**Resumo:** No presente artigo, pretendemos comparar a manifestação das paixões esperança e medo na construção discursiva de dois pronunciamentos de posse de presidentes da república, a saber: Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil, 2003) e Barack Hussein Obama (EUA, 2009). Para tanto, utilizamos alguns pressupostos teóricos da Semiótica francesa para a análise de discursos, bem como certos princípios clássicos do estudo filosófico das paixões. Assim, a partir da análise comparativa dos dois pronunciamentos presidenciais, constatamos semelhanças temático-passionais discursivamente construídas.

**Palavras-chave:** discurso político; paixão; semiótica; Luiz Inácio Lula da Silva; Barack Hussein Obama.

## Introdução

Sabemos que a paixão é, para a Semiótica francesa, um dos fundamentais componentes de todo tipo de discurso. Ao tratar da paixão, a preocupação da semiótica não é focar psicologicamente o sujeito ou o discurso, mas abordar a linguagem numa perspectiva passional, ou seja, a intenção é observar a linguagem como veículo passional do discurso. Desse modo, o estudo semiótico da dimensão patêmica do discurso diz respeito à modulação dos estados de alma e procura descrever a variação contínua e instável dos próprios estados dos sujeitos inseridos no discurso.

Reconhecer e descrever uma paixão, ou um estado passional de um sujeito, é fundamental para se obter uma análise mais abrangente e completa de sua identidade, visto que a dimensão patêmica recobre um aspecto do comportamento do sujeito, influencia sua ação e modaliza sua presença no discurso e, conseqüentemente, no mundo.

A Semiótica reconhece que o componente patêmico perpassa todas as relações humanas. Uma vez que esse componente move a ação humana e que a enunciação discursiviza a subjetividade, as paixões estarão sempre presentes nos textos (FIORIN, 2007, p. 10) e, por meio deles, poderão ser analisadas.

Assim, neste trabalho, pretendemos observar a manifestação da paixão na construção discursiva de dois sujeitos políticos no papel temático de presidente, isto é,

nosso intuito é descrever como o componente patêmico é construído nos pronunciamentos de posse desses presidentes e quais efeitos de sentido são produzidos pela dimensão patêmica nesse tipo de discurso.

### ***Éthos, páthos e lógos na construção discursiva***

A retórica aristotélica nos concedeu os conceitos de *éthos*, *páthos* e *lógos*, fundamentais para o entendimento de todo e qualquer processo de construção discursiva.

Esses três níveis de instâncias do discurso interagem na produção do efeito de sentido persuasivo no auditório: a) o *éthos* é relativo ao caráter do orador; b) o *páthos* diz respeito à emoção do auditório e c) o *lógos* é o meio que diz respeito diretamente à argumentação ou à produção discursiva por parte do orador. Nesse sentido, em um ato de comunicação, na concepção aristotélica, esses três elementos – *éthos*, *páthos* e *lógos* – acham-se envolvidos.

Em uma abordagem semiótica, podemos associar tais elementos às três essenciais instâncias da enunciação: enunciador, enunciatário e discurso. Assim, respectivamente, teremos ligado ao enunciador a noção do *éthos*, ao enunciatário o *páthos* e, por fim, ao discurso a referência ao *lógos*.

De acordo com Fiorin (2008, p. 154), o *páthos* não é a disposição real do auditório, mas de uma imagem que o enunciador tem do enunciatário a qual estabelece coerções para o discurso. A imagem do enunciatário é um papel temático, composto de uma complexa rede de relações, que apresenta uma dimensão cognitiva, uma dimensão perceptiva e uma dimensão patêmica.

De modo recíproco, o enunciatário também entra em contato com uma imagem do enunciador que, por sua vez, também compreende algumas dimensões, entre elas: a cognitiva, a pragmática e a patêmica.

O discurso é o lugar de encontro entre esses dois sujeitos – enunciador e enunciatário – os quais se reconhecem por meio de imagens construídas pelo e no próprio discurso. O discurso, desse modo, pode ser definido como o âmbito dialético da construção do sentido o qual se projeta como reflexos distintos para os sujeitos.

Ainda em Fiorin:

Cícero diz que o orador precisa saber o que pensam (*cogitent*), sentem (*sentiant*), opinam (*opinentur*), esperam (*exspectent*) aqueles a quem se deseja persuadir. Isso quer dizer que essa imagem, consubstanciada num papel temático, tem uma dimensão cognitiva: de um lado ideológica, da ordem do saber (*cogitent*), de outro, da ordem do crer (*opinentur*); uma dimensão patêmica (*sentiant*) e uma dimensão perceptiva (*exspectent*). (FIORIN, 2008, p. 154-5)

Quanto maior e melhor a percepção que o enunciador tem (da imagem) do enunciatário, mais fácil se torna persuadi-lo. Por outro lado, quanto mais atraente parecer o enunciador para o enunciatário, mais este cederá aos argumentos e encantos daquele.

Em uma explicação análoga, Landowski (2002) nos apresenta os conceitos de identidade e alteridade como, respectivamente, as imagens do enunciador e do enunciatário, assim como se dá a relação entre estes sujeitos no discurso.

Para Landowski (2002, p. 31), são variadas as estratégias às quais um sujeito pode recorrer para configurar e gerar sua própria “identidade” ante a figura complementar que ele se dá como representação do “outro”. De qualquer modo, essas estratégias retomam as relações intersubjetivas vivenciadas, tais como se manifestam em um conjunto de práticas empiricamente observáveis.

Para o semioticista francês,

todos os meus modos de ser – minha língua, meu sotaque, minha nacionalidade, minha educação, minhas ‘ideias’ etc. –, adquiridos em contato com o meio em que vivo, fazem por si sós de mim o que eu ‘pareço’, isto é, pelo menos para os outros, o que eu ‘sou’. (LANDOWSKI, 2002)

Essa relação entre ser e parecer, descrita por Landowski (2002, p. 33), revela-nos que a forma como o outro “me vê” se confunde com aquilo que “eu sou”. Assim, “eu sou o que pareço ser para os outros”. Desse modo, a identidade (o “eu sou”) de um sujeito se constrói na interação com aquele que o observa e a quem ele se dirige. Se, como afirma Landowski, “eu sou o que pareço para os outros”, então, por um processo de correlação, é-nos pertinente sugerir que os candidatos Lula e Obama quiseram “parecer” o que os outros queriam que eles “fossem”.

Ainda explorando essa relação ser-parecer do “eu” em relação a “outros”, constatamos que a imagem do enunciador, refletindo a identidade do candidato, é construída sob a influência perceptiva, passional e cognitiva do enunciatário.

Na análise que realizamos, foi possível observar, em certo sentido, qual é a imagem desejada e esperada para um possível presidente da República.

Destacamos, então, alguns traços temáticos e figurativos que compõem o que parece ser o perfil desejado e esperado para um presidente. Separamos esses traços em função das dimensões pragmática, cognitiva e passional que estruturam um sujeito revestido no papel temático de presidente da República.

De acordo com Castro (2007, p. 174), na dimensão pragmática, um presidente deve ter boa aparência, exibir elegância e ser gentil. Na dimensão cognitiva, é necessário que ele seja eloquente, bom negociador e tenha bom senso (equilíbrio). Na dimensão patêmica, o que se espera é que um presidente seja um homem de família (amoroso), tenha bons relacionamentos (amizade/companheirismo), demonstre credibilidade (parecer verdadeiro) e, acima de tudo, inspire segurança (esperança/não-medo).

Os sujeitos analisados neste trabalho construíram essa imagem para seus interlocutores durante suas respectivas campanhas presidenciais. Além disso, eles pareceram ter uma percepção muito clara da imagem do enunciatário a que se dirigiram em seus discursos tanto de campanha quanto nos de posse.

Nessa relação de imagens entre os sujeitos, desenha-se o contorno passional do discurso. Está claro que esse contorno não se constrói isoladamente. Na verdade, ele está atrelado às demais dimensões já expostas: cognitiva e pragmática.

Exploraremos, a partir deste ponto, principalmente a construção da dimensão patêmica que envolve os enunciadores em seus respectivos pronunciamentos presidenciais. Nessa dimensão, restringiremos a análise das paixões esperança e medo projetadas no discurso.

### **Paixões semióticas: esperança e medo**

Paixão. Como descrevê-la?

Talvez a dificuldade em definirmos paixão se deva justamente pelo fato de que ela corresponda a um aspecto bastante complexo da natureza humana e que, por isso mesmo, seja abordado de modo fragmentado, incompleto, pois nos fogem determinados elementos que não podemos enxergar devido à posição pela qual os observamos.

Mesmo sendo complexo para definir, o verbete “paixão” aparece no *Dicionário de Filosofia* como “uma das categorias aristotélicas”; “opõe-se à ação como forma do ser se manifestar”; também é vista como “qualidade e conjunto de qualidades passivas do sujeito e do objeto em geral”; e ainda “tem sido empregado em sentido psicológico pelos antigos como forma de sentimentos, como tudo que se confunde à razão”.

De certo modo, tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça.

Desse modo, vemos que, no contexto da análise discursiva que fizemos, a paixão “esperança” está associada ao sujeito enunciatário “povo” como a quem acontece algo novo; e essa paixão também está relacionada ao sujeito enunciador “presidente” como reflexo da ação manifestada por ele mesmo.

Como já afirmado anteriormente, as paixões estão sempre presentes nos textos. Sejam eufóricas – amor, confiança, alegria, esperança etc. – ou disfóricas – ódio, ciúme, tristeza, medo etc. –, as paixões manifestam-se nos textos frequentemente de modo intenso e são intrigantes componentes na construção do sentido dos discursos.

Em Chauí (2002), encontramos a definição que Espinosa propôs para esperança e medo:

A esperança (*spes*) é uma alegria instável nascida da ideia de uma coisa futura ou passada de cujo desenlace duvidamos em certa medida. [...] O medo (*metus*) é uma tristeza instável nascida da ideia de uma coisa futura ou passada de cujo desenlace duvidamos em certa medida. [...] Segue-se dessas definições que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. (p. 59)

Podemos verificar, com essas considerações de Espinosa, que esperança e medo são, em certo sentido e ao mesmo tempo, paixões contrárias e, em certa medida, complementares. Ambas trazem em si a dúvida (a incerteza) por ser muitas vezes o resgate de um passado que se projeta no futuro sem se poder precisar o resultado, logo, o que se produz no indivíduo, que sofre dessas paixões ou delas recebe influência, é um sentimento conflitante.

Embora uma remeta à alegria (sentimento eufórico) e outra, à tristeza (sentimento disfórico), o que vai determinar o domínio de uma sobre a outra, principalmente em um pleito eleitoral, serão os efeitos de sentido recebidos pelo eleitor por meio dos diversos textos com os quais ele entra em contato, sejam eles produzidos pela mídia ou pelo próprio candidato e sua equipe publicitária.

Se como afirmava Platão, “os homens obedecem uns aos outros por medo ou esperança” (CHAIA, 2004, p. 29) e, de modo semelhante, em *O Príncipe*, Maquiavel referiu-se às qualidades que o governante deve aparentar possuir e, neste caso, “é melhor ser amado do que temido” e, ainda, “melhor ser temido que odiado” (CHAIA, 2004, p. 29), podemos afirmar que as paixões esperança e medo são constantes no contexto político. Elas, na verdade, estimulam e impulsionam os cidadãos em determinadas sociedades. Elas estão sempre à espreita para serem acionadas como estratégias políticas, ora para derrubar um candidato, ora para fazer outro vencer uma disputa. A alternância entre elas depende do grau de intimidade patêmica experimentada pelos sujeitos (presidente e povo, por exemplo, em uma eleição).

Além do fazer crer que o sujeito político procura despertar no outro através de argumentos (fazer persuasivo) para convencê-lo (fazer interpretativo) de seu saber e poder fazer, é imprescindível que tal sujeito toque a “mola dos afetos”, e utilize os movimentos da alma que estimulem ou prolonguem certas emoções em seu interlocutor.

Na verdade, o outro julga um sujeito pelo que este sente, pela maneira como ele reage ao que sente, ou seja, o espectador aprovará ou desaprovará o sujeito se este souber usar convenientemente sua paixão. O que entra em jogo aqui é o modo (dimensão cognitiva) como o sujeito faz com que a paixão (dimensão patêmica) se submeta à sua ação (dimensão pragmática).

Assim, vemos que o discurso patemizado conduz-nos à apreensão *éthos* do enunciador (um ator da enunciação), que está tomado pelo sentimento que imprime ao produto de seu ato enunciativo; do mesmo modo que nos faz perceber o *páthos* do enunciatário projetado no próprio discurso do enunciador.

### **Contrato fiduciário de posse presidencial: a esperança une o eu ao outro**

Como mostram Greimas e Fontanille (1993, p. 230), o sujeito em quem se confia que fará alguma coisa para nós será um simulacro, uma imagem do outro que preside às relações intersubjetivas. Sempre nos relacionamos com imagens do outro, porque não podemos nunca ter acesso a suas intenções mais recônditas.

As eleições presidenciais, alvo deste estudo, foram realizadas respectivamente em outubro de 2002, no Brasil, e em novembro de 2008, nos Estados Unidos da América. Encerradas as apurações dos votos, eis os nomes dos novos presidentes: de um lado, Luiz Inácio Lula da Silva, que seria empossado em janeiro de 2003; de outro lado, Barack Hussein Obama, que tomaria posse em janeiro de 2009. Mas o que esses representantes políticos de histórias e países tão distintos têm em comum?

Seus discursos de pronunciamento de posse.

Ao analisarmos com atenção os discursos proferidos por Lula e por Obama, observaremos que há muitos aspectos semelhantes entre eles.

O primeiro e mais evidente deles é a recorrência às paixões medo e esperança. Entretanto, essa evidência vai revelar muitos outros pontos comuns entre os discursos dos representantes majoritários, tais como: a tônica da mudança necessária; do momento delicado por que passavam suas respectivas nações no momento de posse; suas origens; a imagem de si mesmos que passaram para o povo.

No papel temático de presidente, Lula e Obama, em seus respectivos pronunciamentos de posse, constroem discursos semelhantes, se levamos em conta a dimensão patêmica. Ambos têm diante de si um enunciatário semelhante: a sociedade

nacional (brasileira ou norte-americana) e internacional. E o momento de posse, marcado pelo estabelecimento de um novo contrato fiduciário entre representante eleito e eleitores, é um momento de se confirmar a confiança depositada e figurativizada por meio de votos.

Nesse contrato fiduciário, percebemos que um presidente recém-eleito é um sujeito que acabou de entrar em conjunção com um objeto de valor desejado (QUERER SER) e conquistado (PODER SER), logo, seu estado de alma, em princípio, é de euforia. No momento de posse, esse sujeito, frequentemente, se dirige àqueles que o elegeram para reafirmar as promessas (enunciador) – expectativas (enunciatário) lançadas durante a campanha eleitoral, bem como se volta àqueles que se opunham para tentar estabelecer uma nova relação.

Landowski, ao aproximar e discutir os conceitos de política e mudança, afirma que:

O que está em jogo, na espera de um possível diferente, não é unicamente [...] a esperança de um mundo-objeto, que seria diferente do que ele é; é também primordialmente, alguma coisa que tem relação com a gestão do sentimento de identidade dos próprios sujeitos, atores ou testemunhas do que muda em torno deles e com eles. (LANDOWSKI, 2002, p. 92)

Percebamos que o desejo de mudança vincula-se a noções de paixão e de identidade, visto que o sentimento manifestado pelos sujeitos em relação ao que está a sua volta, especificamente no contexto político-eleitoral, pode ser de medo ou esperança. Entretanto, a tendência a um ou outro se dá em função do reconhecimento de identidade entre os sujeitos representados e representantes: quanto maior o grau de identidade entre os sujeitos, maior a sensação de esperança.

Neste caso, pelo fato de tanto Lula quanto Obama condensarem em si mesmos uma diversidade de aspectos que os faz parecerem mais flexíveis e preparados para atenderem às expectativas de seus eleitores, a sensação de esperança atingiu um grau de destaque se levarmos em conta a imagem que cada um dos presidentes projetou para seus respectivos interlocutores. No entanto, aí reside mais uma aproximação entre eles: esses dois atores sociais representavam, em certo sentido, a mudança. Mudança desejada em ambos os contextos pela maioria do povo.

Ainda, em Landowski, lemos:

A mudança, esperada, desejada, assumida, torna-se paradoxalmente produtora de identidade. Aderir a ela, não é nesse caso ‘morrer um pouco’ deixando partir, com o que foi, uma parte de si que não será mais: é talvez, exatamente o contrário, um dos meios mais elementares de afirmar sua própria existência, tanto ao olhar de si mesmo como diante de outrem. É mudar se não ‘a vida’, em todo caso, o sentido de sua própria vida. (LANDOWSKI, 2002, p. 93)

Temos, assim, um forte argumento que explica o efeito de sentido da projeção da imagem/identidade desses candidatos como algo novo que sugere “uma alegria instável

em coisa futura cujo desenlace é duvidoso” (esperança segundo Espinosa) para seus interlocutores.

Tanto é que ambos, em seus textos-pronunciamentos, fazem menção à escolha do novo, à decisão pela mudança.

Em Lula (2003):

- (1) **Mudança**; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro [...] e a sociedade brasileira **decidiu** que estava na hora de trilhar **novos caminhos**. (SILVA, 2003) (grifo nosso)

Em Obama (2009):

- (2) O que os cínicos não compreendem é que o contexto **mudou** totalmente – que os argumentos políticos arcaicos que nos consumiram por tanto tempo já não se aplicam. [...] Porque **o mundo mudou, e nós temos de mudar com ele**. (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

Vale ressaltar que a palavra “novo/a” foi – ao lado de “nação” – a mais usada em todo o pronunciamento do presidente norte-americano. Essa recorrência aponta para o sentido de mudança que se desejava construir.

O tema mudança, marcado por figuras como “novos caminhos” e “o mundo mudou”, remete à ideia de “transferência”, “substituição”, “troca de um modelo por outro”, “renovação”, “deixar para trás o que é velho”, “experimentar o novo”, enfim, associa-se a “uma alegria instável nascida da ideia de uma coisa futura de cujo desenlace duvidamos em certa medida”. Corresponde, assim, à paixão “esperança”, aqui, fundada em dados imaginários, subjetivos (sujeito da expectativa – *páthos* do enunciatário).

Ao que se refere à aspectualização, podemos dizer que a esperança está atrelada ao ainda não começado.

Entretanto, em um pronunciamento, há o desejo de fazer permanecer a sensação despertada pela sensação positiva recebida no pleito eleitoral. Revigorada por palavras que deem mais intensidade aos efeitos de sentido do que se diz, tocando a mola dos afetos daqueles que se entregaram ao discurso proferido.

Assim, há de se observar outro aspecto: o da crise instalada.

Em Lula (2003):

- (3) Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades. Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do País, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária. (SILVA, 2003)

Em Obama (2009):

- (4) Que estamos no meio de uma crise agora já se sabe muito bem. Nossa nação está em guerra contra uma extensa rede de ódio e violência. Nossa economia está muito enfraquecida, uma consequência da ganância e irresponsabilidade por parte de alguns, mas também de nossa falha coletiva em fazer escolhas difíceis e em preparar a nação para uma nova era. Lares foram perdidos; empregos cortados; empresas fechadas. Nosso sistema de saúde é caro demais; nossas

escolas falham demais; e cada dia traz mais provas de que a maneira como utilizamos energia fortalece nossos adversários e ameaça nosso planeta. (OBAMA, 2009)

Outras paixões aparecem ao longo do texto, envolvidas pelo contexto que se apresenta, e necessárias para aquele que se deseja construir. Observando os trechos a seguir, podemos constatar isso.

Em Lula (2003),

- (5) ...mudar com **coragem** e cuidado, **humildade** e **ousadia**” [...] “Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma Nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a **paciência** e a **perseverança**. (SILVA, 2003) (grifo nosso)

Em Obama (2009):

- (6) Hoje, eu digo a você que os desafios que enfrentamos são reais. Eles são sérios e são muitos. **Eles não serão encarados com facilidade ou num curto período de tempo. Mas saiba disso, América – eles serão encarados.** (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

Reconhecemos nesses trechos as mesmas paixões: coragem, ousadia, perseverança e paciência. Explicitadas em Lula (2003), essas paixões aparecem figurativizadas em Obama (2009) da seguinte forma: “Eles (desafios) não serão encarados com facilidade” corresponde à “coragem”, “ousadia”; “...ou num certo período de tempo” equivale à “paciência”, “perseverança”.

Lula, em 2003, declarava:

- (7) Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto, como as demais nações do planeta, **porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor**, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado. (SILVA, 2003) (grifo nosso)

E Obama (2009):

- (8) **Ainda somos uma nação jovem**, mas, nas palavras da Escritura, chegou a época de deixar de lado essas coisas infantis. Chegou a hora de reafirmar nosso espírito de resistência para escolher nossa melhor história; para levar adiante o dom preciso, a nobre ideia passada de geração em geração: a promessa divina de que todos são iguais, todos livres e todos merecem buscar o máximo de felicidade. (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

À certa altura, torna-se difícil discernir uma ou outra voz dos presidentes.

No entanto, mesmo revelando particularidades de cada país, os discursos presidenciais apontam para semelhantes aspectos de formação sócio-cultural entre Brasil e Estados Unidos.

Por exemplo, em Lula (2003):

- (9) Construiu, ao longo do século, **uma nação plural, diversificada**, contraditória até, mas que se entende de uma ponta a outra do Território. Dos encantados da Amazônia aos orixás da Bahia; do frevo pernambucano às escolas de samba do Rio de Janeiro; dos tambores do Maranhão ao barroco mineiro; da arquitetura de Brasília à música sertaneja. Estendendo o arco de sua multiplicidade nas culturas de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da Região Centro-Oeste. Esta é uma nação que fala a mesma língua, partilha os mesmos valores fundamentais, se sente que é brasileira. Onde a **mestiçagem e o sincretismo se impuseram**, dando uma contribuição original ao mundo, onde **judeus e árabes conversam sem medo**, onde toda migração é bem-vinda, porque sabemos que em pouco tempo, pela nossa própria

capacidade de assimilação e de bem-querer, cada migrante se transforma em mais um brasileiro. (SILVA, 2003) (grifo nosso)

Assim como em Obama (2009):

- (10) Porque nós sabemos que **nossa herança multirracial é uma força**, não uma fraqueza. Somos **uma nação de cristãos e muçulmanos, judeus e hindus** – e de pessoas que não possuem crenças. Nós somos moldados por **todas as línguas e culturas**, trazidas de todos os confins da terra; e porque já experimentamos o gosto amargo da Guerra Civil e da segregação e emergimos desse capítulo sombrio mais fortes e mais unidos, não podemos evitar de acreditar que os velhos ódios um dia irão passar; que as linhas que dividem tribos em breve irão se dissolver; que, conforme o mundo fica menor, nossa humanidade em comum irá se revelar; e que a América deve desempenhar seu papel de nos conduzir a essa nova era de paz. (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

A origem humilde de cada presidente também é evocada como um ingrediente a mais da dimensão patêmica do sujeito enunciador, como em Lula (2003):

- (11) Quando **olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos**, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais. (SILVA, 2003) (grifo nosso)

Ou em Obama (2009):

- (12) Esse é o significado de nossa liberdade e nosso credo – o motivo pelo qual homens e mulheres e crianças de todas as raças e todas as fés podem se unir em celebração por todo este magnífico local, e também o porquê de **um homem cujo pai há menos de 60 anos talvez não fosse servido num restaurante local** agora poder estar diante de vocês para fazer o mais sagrado juramento. (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

Lula (2003) finaliza seu pronunciamento da seguinte forma:

- (13) Este é um país que pode dar, e vai dar um verdadeiro salto de qualidade. Este é o País do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas, sobretudo, pelos dons e poderes do seu povo. O que nós estamos vivendo hoje neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: **hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo**. (SILVA, 2003) (grifo nosso)

E Obama (2009), antes de encerrar seu discurso, afirma:

- (14) Nossos desafios podem ser novos. Os instrumentos com os quais as enfrentamos podem ser novos. Mas os valores dos quais nosso sucesso depende – trabalho árduo e honestidade, coragem e *fair play*, tolerância e curiosidade, lealdade e patriotismo –, essas coisas são antigas. Essas coisas são verdadeiras. Elas foram a força silenciosa do progresso ao longo de nossa história. O que é exigido então **é um retorno a essas verdades**. [...] Por isso, **marquemos este dia lembrando quem somos e quão longe já chegamos**. (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

Ressaltamos ainda que a esperança vence o medo em eleições presidenciais, desde que se consiga garantir a aproximação e a identidade entre os interlocutores, e isto é possível graças à construção do *éthos* do enunciador dirigido ao *páthos* do enunciatário.

- (15) **A esperança finalmente venceu o medo** e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos. [...] Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, **a nossa esperança é maior do que o nosso medo.** (SILVA, 2003) (grifo nosso)
- (16) Neste dia, nos reunimos porque **escolhemos a esperança no lugar do medo**, a unidade de propósito em vez do conflito e da discórdia.[...] Que seja contado ao mundo futuro... Que no auge de um inverno, **quando nada além de esperança e virtude poderiam sobreviver...** Que a cidade e o país, alarmados com um perigo em comum, se mobilizaram para enfrentá-lo. América. Diante de nossos perigos em comum, neste inverno de nossas dificuldades, deixe-me lembrá-los dessas palavras imortais. **Com esperança e virtude, vamos enfrentar mais uma vez** as correntes gélidas e suportar as tempestades que vierem. Que os filhos de nossos filhos digam que, quando fomos colocados à prova, nós nos recusamos a deixar esta jornada terminar, que nós não demos as costas e nem hesitamos; e com os olhos fixos no horizonte e com a graça de Deus sobre nós, **levamos adiante o grande dom da liberdade e o entregamos com segurança às gerações futuras.** (OBAMA, 2009) (grifo nosso)

Mediante a análise comparativa realizada, podemos afirmar que o *éthos* do enunciador construído nesses discursos presidenciais é o de um salvador, de um redentor, de um herói, aquele que, finalmente, virá para acabar com as injustiças e resolver todos os problemas e, neste sentido, atende às expectativas do enunciatário cujo *páthos* está cheio de esperança.

### Considerações finais

Na perspectiva semiótica, então, a paixão é vista como a aproximação entre sentir, conhecer e fazer. Essa aproximação deixa-se reconhecer no discurso como efeito de sentido, isto é, a paixão se manifesta no nível discursivo através de diversas substâncias da expressão, antes, porém, toma corpo e se molda nos níveis mais profundos do percurso gerativo do sentido. A paixão, então discursivizada, apresenta como principal característica a projeção e a operacionalização de simulacros. Assim, ela comanda as estratégias intersubjetivas: cada sujeito adapta seu discurso em função da previsibilidade da estrutura passional de seu interlocutor.

Para encerrarmos, é-nos lícito afirmar que Lula e Obama, ambos no papel temático de presidente da República, construíram uma imagem semelhante do ponto de vista cognitivo, pragmático e, principalmente, patêmico para seus respectivos interlocutores. Os temas escolhidos, as isotopias construídas, a figurativização esboçada, o nível de linguagem empregado confirmam, na materialidade discursiva, o *éthos* do enunciador “presidente-salvador”, ao mesmo tempo em que projetam o *páthos* do enunciatário “povo-esperançoso”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, A. B. B. *O discurso jornalístico impresso na construção de um sujeito político: o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva.* 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, SP, Araraquara, 2007.

CHAIA, V. Eleições no Brasil: o “medo” como estratégia política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil.* São Paulo: Hacker, 2004. p. 29-52.

CHAUÍ, M. Sobre o medo. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 35-75.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados das coisas aos estados da alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OBAMA, B. H. *Discurso de posse do presidente da República*. Disponível em: <<http://www.g1.com.br>>. Acesso em: 05 fev. 2009.

SILVA, L. I. L. *Discurso do presidente da República*. Disponível em: <<http://www.presidenciadarepublica.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2003.